
CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA

Luciana Caroline Pina Garcia¹⁰⁴

(Especialista em Docência do Ensino Superior- Faculdade Atlântico)

INTRODUÇÃO

A abordagem central deste texto está na relação das tecnologias, destacando aqui o cinema, com a educação. Tendo em vista que a cinematografia pode ser uma reprodução histórica ou uma ficção que perpassa pela compreensão visual e que comunica algum tipo de experiência, é evidente a necessidade de compreensão dessa ferramenta no processo de formação e enculturação dos indivíduos.

Para isso faz-se necessário compreender como lidar com a relação cinema/educação dentro do convívio escolar. Neste sentido o texto vai apresentar ao leitor, a partir de uma produção cinematográfica as possibilidades de auxílio à prática pedagógica do professor, deixando aqui bem claro que o intuito não é fazer do cinema um recurso de didatização e sim um auxílio para a prática pedagógica, visando o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Para Freire (1996) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, com isso, evidencia a necessidade de reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade sem negar a suas capacidades.

Este ensaio acadêmico buscou mediar a relação Cinema-História e destacar as questões peculiares de uma produção cinematográfica específica, ressaltando que a relação cinema-história segundo Nóvoa (2008) é uma relação complexa que pode ser compreendida como objeto e como problemática.

Para dar conta da proposta, foi selecionado o filme *Billy Elliot* de gênero dramático e direção de Stephen Daldry. O filme gira em torno de uma família pobre, de um menino cheio de talentos no campo artístico da dança e tem como cenário histórico a greve dos mineradores de 1984 no Norte da Inglaterra.

A Educação e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's): o cinema em debate

O uso abusivo e muitas vezes irresponsável das tecnologias de formação, comunicação e interação na formação do sujeito é fator de preocupação entre estudiosos da educação (BELLONI, 2005; FANTIN, 2006), bem como fator que cada vez mais chama atenção de outras esferas da sociedade (como a justiça, a polícia, psicólogos etc.).

Em especial na educação, Belloni (2005) questiona como a instituição escolar vai lidar com esse desafio; Fantin (2006) acredita que não existe educação sem

¹⁰⁴ Pesquisadora do LaboMídia-UFS

comunicação, visto que, o sujeito está exposto – e interage diretamente ou indiretamente – diariamente ao uso desses meios. Neste sentido o trato com os avanços tecnológicos dentro do contingente escolar não deve ser mera simbologia, visto que os mesmos estão diretamente ligados as relações de mudança do ser humano, para Mendes (2008) os avanços tecnológicos originam mudanças significativas na maneira do homem ser e estar no mundo.

A contribuição das tecnologias no processo de (*de*) formação dos sujeitos está diretamente ligada ao desenvolvimento da humanidade, em todos os aspectos sejam eles econômicos, sociais, culturais ou políticos, talvez indicando o processo máximo daquilo que já se convencionou chamar de “fenômeno da globalização”, em que a esfera da cultura é mundializada e a questão da economia é globalizada.

O conflito entre prática didática dos professores e a proposição de novas tecnologias para a educação não é novidade na história de qualquer área do conhecimento e de intervenção.

A utilização do cinema como recurso didático é algo cada vez mais comum entre professores, psicólogos, terapeutas e outros profissionais, porém a metodologia de utilização desse recurso é algo em discussão, visto que se utilizam dessa ferramenta tecnológica de forma abusiva. Qualquer recurso tecnológico, inclusive o cinema não pode ser visto como “salvador de mundo”, ou seja, não dá para fazer uso sem saber como nem porque usá-lo.

A importância enorme que essas técnicas vêm tendo na vida social faz com que funcionem como uma espécie de rolo compressor, levando os professores a se sentir pressionados a desenvolver atividades para as quais não se sentem preparados, ou a aderir alegremente, sem muitas reflexões. (BELLONI, 2005 P. 25)

É preciso ter noção de que o cinema pode fazer uma leitura real dos fatos ou da história (a partir de uma multiplicidade e diversidade de formas de linguagens e recursos), logo a sua utilização não deve ser vista meramente como veículo facilitador de conhecimentos, nem tão pouco de entretenimento.

Sobretudo porque o cinema, documentário ou ficção, ensina, explica, documenta a história, constrói memórias e discursa sobre a história desde que foi inventado, sem conseguir, mesmo nos formulários mais estetizantes, criar uma espécie de formas puras, “ vazias” de vida, de modo absoluto. (NÓVOA, 2008, P 15)

Sendo cada vez mais notória a presença desses meios como processo de formação educacional dos sujeitos faz-se necessário entender de que forma esta se dando esse processo de (*en*) culturação.

Tendo em vista que a linguagem do cinema permite uma interpretação intensa que vai além das questões cognitivas, que é o alcance da sensibilidade que proporciona aos envolvidos no contexto uma relação de proximidade com o universo revelado e levando em consideração a sua possibilidade educativa que estimula a produção e construção de novos conhecimentos a partir de uma reprodução ou não da realidade, pode-se dizer que o cinema é sem dúvida uma fonte de conhecimento que provoca e estimula o aprendizado.

Os filmes mostram situações-problemas e apresentam “soluções” que podem ser idealistas, otimistas, pessimistas ou niilista. Mas são

situações que se tornam “reais” no momento de exibição provocando negação, aprendizado e catarse. Isso em decorrência daquela impressão de realidade. (SETTON, 2004, p. 54)

A experiência visual e a leitura e interpretação do contexto é algo peculiar de cada indivíduo, não dá para ser dono da verdade, tendo em vista que cada indivíduo cria seus próprios argumentos. Para Miranda (2005) nunca é demais lembrar que esta experiência cultural é vivida de forma diferenciada e desigual, dada a possibilidade de acesso, que também é diferenciado e desigual.

Encaminhamentos Metodológicos

A pesquisa se apresenta com uma abordagem qualitativa. Para isso foi realizada a análise de um filme específico, na tentativa de delinear aspectos históricos da educação do corpo e da própria história que permeia o cenário do filme, como contexto histórico-cultural e as implicações disso na construção dos sujeitos, além de discutir características particulares do drama, neste caso a questão de gênero.

Para Minayo (2004) a pesquisa qualitativa possibilita responder a questões particulares, se preocupando com uma realidade não quantitativa. Ou seja, trabalha com o universo e o seu significado oportunizando um relação com o contexto.

Partindo da pesquisa descritiva de cunho exploratório, visto que essa não é uma temática que permeia o universo acadêmico, se buscou analisar um filme que tem como gênero o drama sem a pretensão de descrever puramente os fatos, mas tentar compreender se há alguma relação histórica que permeia a produção do filme e a relação existente com a educação do corpo.

A produção Cinematográfica em Debate: Billy Elliot

Billy Elliot é um filme inglês, dirigido por Stephen Daldry e produzido por Greg Brenman e Jonathan Finn. Lançado em 2000 na Inglaterra, o filme recebeu três prêmios Bafta de melhor filme Britânico, melhor Ator e melhor Atriz Coadjuvante e melhor roteiro além de duas indicações ao Globo de Ouro de melhor filme e atriz coadjuvante e uma indicação ao prêmio César por melhor filme estrangeiro. O filme foi feliz também na escolha da sua trilha sonora que tem como ponto de partida T. Rex com uma sequência antológica de The Clash.

A trama se dá em uma cidadezinha de mineiros, no norte da Inglaterra. O período temporal dos acontecimentos é a década de 1980. Os personagens são quase todos, homens e mulheres comuns, imersos em um cotidiano que nem a presença de centenas de policiais consegue alterar significativamente o seu cotidiano. Nada de heróis, nem de bandidos, apenas uma comunidade inuda por uma causa comum- resistir a greve dos mineradores- mas, o centro da narrativa é um garoto de 11 (onze) anos, Billy (Jamie Bell) cuja família esra desmantelada, passando por um momento difícil, a via é dura para ele, vivendo com seu pai, seu irmão e sua vó, tem como compromisso seguir a tradição da família, ser minerador e lutar boxe, mas, é em uma aula de boxe que ele descobre o gosto pela música e o talento para dança. Talento este descoberto pela Senhorita Wikinson (Julie Walters) que percebe logo o esforço e a dedicação de Billy como uma possibilidade de mudança para ele e uma realização de sonho para ela.

A escolha de Billy pela dança não vai ser compreendida de imediato por ser pai, que tem uma visão estereotipada e acredita que o balé é uma dança afeminada.

Quando descobre que seu filho abandonou as aulas de boxe para dançar não gosta nada da ideia e acaba agredindo de maneira grosseira descontando em Billy suas frustrações.

Analisando e Refletindo as possibilidades pedagógicas de Billy Elliot

- **O Contexto Histórico**

Quando se ouve falar em história se pensa logo em algum acontecimento histórico, algo que possibilite algum tipo de representação para um determinado tempo, uma nação, um povo entre outros. Neste caso específico, também encontramos essa ideia de história, quando o filme retrata a greve dos mineradores como pano de fundo.

A história tem sempre uma missão e é a partir dela que são selecionados os fatos, assim também acontece com os filmes, não é revelado todo o contexto histórico, se faz uso de procedimentos que permitam apresentar a história de forma mais simples e madura, assim, segundo Nóvoa (2008) não é possível estudar o cinema e levar em consideração apenas a linguagem, os truques, ler os planos e nas entrelinhas- aquilo que autores ligados a mídia-educação defendem que “ler a mídia” em seu sentido amplo- ou seja, nos seus aspectos técnicos, estéticos e críticos.

Foi a partir dessa observação que pode-se perceber que o contexto histórico estava presente na casa de Billy, nas ruas, na academia de boxe e também nas aulas de balé. A história de luta da pequena família de Billy pode ser vista a todo o momento, inclusive na carta de sua mãe escondida como um tesouro.

Nas ruas a luta dos mineradores pela permanência da greve, a violência dos policiais é um fator histórico real, que apresenta uma comunidade unida em busca de uma causa comum. Na academia de boxe é notória a relação histórica de tradição (e de permanência em relação ao papel que cabe ao homem e a mulher), marcada pela ignorância do professor que considera Billy como uma vergonha para as tradições da família e para o seu pai. A aula de Balé marca a história de uma professora que tem um passado inacabado e cheio de frustrações.

- **Gênero em Debate**

As questões de gênero permeiam o universo da escola de maneira cada vez mais forte, uma vez que estas são construídas a partir de aspectos sociais, culturais e históricos é preciso perceber que a relação de gênero perpassa pelo universo educacional e que devem ser discutidas e analisadas, levando em consideração, conforme Saraiva (2002) o ideal seria que ambos os sexos assimilassem a cultura um do outro como alargamento das suas possibilidades, ou seja, o convívio e a ajuda mútua possibilita uma ampliação de conhecimentos.

As construções de gênero na escola são embasadas a partir de um contexto social, cultural ou até mesmo midiático, neste sentido muitas das vezes essa discussão já é trazida na bagagem histórico-cultural do aluno, mas, também há possibilidade de adquiri-la e transformá-la dentro do convívio escolar, principalmente na escolha pela prática corporal nas aulas de Educação Física.

É preciso que o professor saiba como nortear essas discussões levando em consideração que as diferenças entre os sexos (masculino e feminino) passam por dois eixos, a saber, o biológico e o construído socialmente e individualmente. Neste sentido, a partir da condição biológica, configura-se e constrói-se aquilo que é tratado como “sexualidade humana”, a partir da orientação sexual que não é estática e sim dinâmica, permitindo uma multiplicidade de formas e não apenas a polarização (biológica) entre aquilo que é apenas do universo masculino ou exclusivamente do universo feminino.

De acordo com Goellner (2009) gênero é uma condição social através da qual identificamos o masculino e o feminino, não sendo, pois, algo natural, mas construído social e culturalmente.

No filme, as questões de gênero é marcada pela recusa do Pai de Billy, quando descobre que ele trocou as aulas de boxe pelo baile, vem a tona uma explosão de raiva provocada pela ignorância.

Essa discussão norteia o filme por vários momentos, principalmente quando seu amigo que tem tendências homossexuais pensa que Billy também tem em sua essência o homossexualismo, pela sua opção pela dança. A cena que Billy descobre que seu amigo é homossexual provoca nele uma sensação de estranhamento, mas, ao mesmo tempo de conforto. Pode-se notar também que essa não é uma relação necessariamente influenciável, ou seja, não dá pra dizer que as relações pessoais possam interferir significativamente nas nossas escolhas.

A aceitação de Billy pela escolha do amigo provoca nele uma necessidade de negação, o que leva ele a deixar bem claro que sua opção pela dança não influenciou em nada na sua opção sexual.

Neste sentido, cabe ao professor, pais e adultos a necessidade de mediar essas discussões, ressaltando ao professor a sua influência, principalmente sabendo que essas são questões que permeiam o universo escolar de fora para dentro.

- **O Corpo no universo do Filme**

É perceptível na sociedade atual, o discurso que propaga a importância da aparência corporal, neste sentido é preciso que haja um diálogo maior acerca desse conteúdo.

O corpo de Billy mostra que para uma criança de 11 (onze) anos demarca um porte físico diferenciado para as demais crianças de sua idade, percebe-se isso quando observamos o corpo do seu amigo. Billy apresenta um desenvolvimento corporal muito rápido, onde a cada cena é notória a diferença na sua musculatura, isso pode ser justificado pelas longas horas de treinamento ao qual ele é submetido.

Apesar de apresentar um corpo magro, ele demonstra ter músculos fortes, as cenas em que o foco está nas pernas mostra panturrilhas bem definidas, os seus braços se mostram mais longos e desenvolvidos, no final do filme a cena é marcada pelo corpo nu, músculos aparentes e desenvolvidos; por fim a cena de Billy pulando na cama remete uma ideia de desenvolvimento, onde a mistura de cenas vislumbra o desenvolvimento corporal do garoto que hoje já é homem o que leva ao espectador pensar na ideia do treinamento.

Isto equivale a dizer que essa exigência de “modelagem” do próprio corpo reforça o tema do trabalho, o da vontade aplicada ao corpo: constância e tenacidade apesar das fúrias e do tempo passado ao ar livre, obstinação e teimosia apesar do repouso e das escapulidas. (VIGARELLO ET AL, 2008, p. 220)

Neste sentido cabe ao professor mediar essa discussão de maneira a levar seus alunos a refletir nas questões que permeiam o nosso universo, tais como as questões de saúde relacionadas ao corpo, não apenas em seu sentido físico-sanitário, mas a partir de entendimento mais amplos que tenham o cuidado de não cair nos reducionismos do que é “certo” ou “errado”.

Considerações finais

Como resultado de estudo a análise desse filme possibilitou o levantamento de temáticas e questões que foram abordadas que podem e devem ser discutidas no processo educativo.

Tendo em vista que a utilização de um vídeo em aula, não deve ser algo levado ao acaso é pertinente também considerar que o significado do filme pode ser entendido de maneiras distintas, visto que cada um faz a sua leitura interpretativa.

Este filme trás questões bem fortes e significativas, que devem e podem ser discutidas em aula, mostrando que os aspectos históricos podem ser construídos a partir de pequenos detalhes, como fotos, cartas e fatos.

As questões de gênero que permeiam a construção do filme devem ser levadas em consideração, sendo esta uma atribuição que vem sendo convencionalizada pela sociedade, cabe ao professor buscar junto com seus alunos questionar e refletir o que perpassa por entre as entrelinhas do filme e relaciona-las com o universo real buscando sempre romper as barreiras de convencimento colocadas pela sociedade diante de um assunto tão polêmico.

Levando em consideração que a construção dos corpos na modernidade é muitas das vezes permeada por discussões presente no cotidiano das pessoas em uma perspectiva de reprodução e alienação é importante saber como negociar essas discussões dentro do convívio escolar, assim o filme mostrou de forma ainda que tímida uma relação de transformação natural desse corpo, visando à importância de hábitos saudáveis, cabe agora ao professor instigar essas discussões.

REFERÊNCIAS

BELLONI, M. L.; **O que é mídia educação**. 2 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

FANTIN, M.; **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREIRE, P.; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOELLNER, S. V.; MOURÃO, L.; VOTRE, S.J.; FIGUEREDO, M. L. M. . **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministerio do esporte e gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

MINAYO, C. E. A.; COPPOLA, D. G. F.. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MIRANDA, C. E. A.; COPPOLA, D. G. F.. A educação pelo cinema. **Rev. Educação e Cinema**, Unicamp/SP, p.02, 2005.

NOVÓIA, J.. Apologia da relação Cinema-História. In:_____; BARROS, J. D. (Org). **Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema**. 2 ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. P. 13-40.

SARAIVA, M. Do C.. **Por que investigar as questões de gênero nas aulas de Educação Física, esporte e lazer?** Motrivivência, Santa Catarina: ano XXIII, n 9, Dez. 2002.

SETTON, M. DA G. J. (Org).. **A cultura da mídia na escola:** ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

VIGARELLO, G.; CORBIN, A.; COURTINE, J. J.. **História do corpo:** as mutações do olhar no século XX. V.3. Petrópolis: VOZES, 2008. P. 197-250.